

SOFIA CAMPOS TEIXEIRA E A ATUAÇÃO POLÍTICA DA MULHER NEGRA NO JORNALISMO BRASILEIRO (1940-1950)¹

SOFIA CAMPOS TEIXEIRA AND THE POLITICAL PERFORMANCE OF BLACK WOMEN IN BRAZILIAN JOURNALISM (1940-1950)

Marylu Alves de Oliveira²

Geovane Pereira³

Jesica Carvalho Sales⁴

Nilsângela Cardoso Lima⁵

Resumo: O presente trabalho apresenta um estudo sobre a atuação política de Sofia Campos Teixeira na imprensa negra brasileira, como instrumento de representação, participação política e mobilização social dos negros, em especial nos jornais *O Novo Horizonte* e *Mundo Novo* (SP) e na revista *Senzala*, de 1940 e 1950, período em que as organizações negras pretendiam construir uma identidade racial e lutavam por direitos e reconhecimento social por meio do discurso jornalístico. A legitimidade nos espaços sociais é uma disputa que influencia na formação de identidades, ações coletivas e demarcações políticas. Sofia Campos Teixeira, mulher negra, professora, ativista social, candidata a deputada e “colaboradora” de revistas e periódicos da Imprensa Negra brasileira. A metodologia aqui presente é o Estudo de Caso, assim como referenciais sobre Imprensa e práticas jornalísticas; Lima (2014), conceitos sobre identidades; Woodward (2014), feminismo negro Carneiro (2003) e conceitos de legitimidade Bourdieu (1998). À luz do desenvolvimento da análise, infere-se que Sofia Campos lutou pelo reconhecimento moral do povo negro e na política através da imprensa na mobilização e reconhecimento do grupo social.

Palavras-Chave: Imprensa Negra. Feminismo Negro. Política.

Abstract: The present paper structures a study about the political performance of Sofia Campos Teixeira in the Brazilian black press, as an instrument of representation, political participation and social mobilization of blacks, especially in the newspapers *O Novo Horizonte* and *Mundo Novo* (SP) in the magazine *Senzala*, 1940s and 1950s, a period that black organizations sought to build a racial identity and fought for rights and social recognition through journalistic discourse. The legitimacy in social spaces is a dispute that influences the formation of identities, collective actions and political demarcations. Sofia Campos, black woman, teacher, social activist,

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 5 - Comunicação e sociedade civil do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

² Doutora em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Curso e História da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: marylu.oliveira@gmail.com

³ Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFPI. E-mail: gpsgeovane@outlook.com

⁴ Graduanda em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFPI e discente ICV 2018/2019. E-mail: carvalhojesicama@gmail.com

⁵ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unissinos). Docente do Departamento de Jornalismo, da UFPI. E-mail: nilcardoso@gmail.com

deputy candidate and "collaborator" of magazines and periodicals of the Brazilian Black Press. The methodology presented here is the Case Study, as well as references about Press and journalistic practices; Lima (2014), concepts about identities; Woodward (2014), Black feminism Carneiro (2003) and concepts of legitimacy Bourdieu (1998). In light of the development of the analysis, it is inferred that Sofia Campos fought for the moral recognition of the black people and in politics through the press in the mobilization and recognition of the social group.

Keywords: Black Press. Black feminism. Politics.

1. Introdução

CANÇÃO DA MÃE PRETA

Linto Guedes

O Brasil eu carreguei,
e para êle cantei,
as mais formosas canções.
Nelas se via o saci,
saltando daqui p'ra ali
fazendo atralhações.

Na beirada do fogão
esquecia o Pai-João,
o seu pinto conselheiro
O saci lépido o enchia
com pólvora e, então, partia
assoviando, prazenteiro.

Era assim que adormecia,
o torrão que me queria
e à minha gente também,
só pelo nosso trabalho
sem nos dar um agasalho
um só conforto, um só bem

(GUEDES, Linto. Canção da Mãe Preta. **O Novo Horizonte**, São Paulo, ano I, n. 1, p. 3, 1946).

O presente estudo elabora uma análise sobre a atuação política de Sofia Campos Teixeira⁶ na *Imprensa Negra* brasileira, por meio de matérias escritas e assinadas por Sofia Campos na década de 1940, nos periódicos o jornal *O Novo*

⁶ Sofia Campos Teixeira, mulher negra, professora, ativista social, candidata a deputada e "colaboradora" de revistas e periódicos da *Imprensa Negra* brasileira (1940-1950). *Idem*

Horizonte e na revista *Senzala* ambas de 1946. Também faremos uma análise sobre as representações construídas sobre a própria Sofia Campos na análise no jornal *Novo Mundo* (1950). Neste último periódico, mesmo que Campos não tenha atuado como jornalista em suas publicações, utilizamos essa fonte como uma forma de observar o importante papel da imprensa em dar visibilidade a atuação de Sofia Campos Teixeira na política, dando notoriedade a candidatura dessa professora ao cargo de deputada estadual pelo estado de São Paulo, como “A MULHER NEGRA” que legitimaria no Congresso Nacional não apenas os negros, mas as mulheres trabalhadoras de uma forma geral. Nesse sentido, este periódico, apresentava elementos de representação identitária étnica-racial e de gênero espelhando a atuação da nossa personagem no período histórico em que a ativista política estava inserida.

Observa-se a relevância da análise deste conteúdo para esta pesquisa, pois neste período as organizações negras pretendiam construir uma identidade racial e lutavam por seus direitos, além de buscarem reconhecimento na sociedade por meio do discurso jornalístico.

Compreende-se enquanto *Imprensa Negra* uma expressão composta que se desdobra e se conecta às questões relacionadas à autoria, ao público e aos objetivos – jornais feitos por negros; para negros; veiculando assuntos de interesse das populações negras (PINTO, 2010). Corroboramos com a visão da pesquisadora Ana Flávia Pintos, destacamos que a *Imprensa Negra*, deve ser compreendida como parte da história da imprensa brasileira que surgiu e se desenvolveu pela necessidade de evidenciar questões relacionadas às realidades da população negra brasileira, tendo em vista que tais questões em sua maioria não eram de interesse/visibilidade na grande imprensa.

A legitimidade de existir nos espaços sociais é uma disputa em meio às relações de poder, as quais influenciam na formação de identidades, de ações coletivas e de demarcações políticas, sociais e culturais. Observando tal disputa nas esferas sociais compreendemos o discurso jornalístico e da imprensa a partir das concepções de Pierre Bourdieu (1998, p. 142) que destaca, “[...] a capacidade de fazer existir em estado explícito, de publicar, de tornar público, quer dizer,

objectivado, visível, dizível, até mesmo oficial, [...]”. Conforme o autor não é à toa que os meios de comunicação, historicamente, foram utilizados como ferramentas de participação política e mobilização social pelos diferentes grupos sociais. Observa-se, a partir de leituras de estudiosos sobre a História da Imprensa no Brasil que a grande imprensa, composta majoritariamente por homens brancos, estavam atrelados aos interesses de grupos de poder econômico e político.

Desde o início do Segundo Reinado desenvolveram-se práticas de escritas e relatos sobre imperador menino, diga-se de passagem: loiro de olhos azuis, que reinar para uma população em maioria negra, mestiça e analfabeta. Acreditava-se que com uso de jornais e revistas para cobertura da vida do imperador poderia inserir o aspecto de civilidade na flor exótica das Américas (MARTINS, 2011). A pesquisadora Ana Flávia Martins (2011, p.46), comenta que “acentuou-se o projeto de inserção do Brasil na cultura ocidental, reforçado pela descendência europeia do monarca e pela ligação de nossas elites com o mundo das artes e ciências”. No entanto, de forma paulatina desenvolveu-se a imprensa alternativa caracterizada pela enunciação de discursos críticos e representativos de grupos específicos como os periódicos aqui analisados.

A *Imprensa Negra* brasileira, por sua vez, surgiu com a finalidade de pautar conteúdos de reivindicações da comunidade negra, bem como produzir discursos identitários e contrários à subalternidade e marginalização deste grupo social. Embora haja registro de sua existência desde o século XIX, é somente em meados do século XX que se estabelece o recorte temporal deste estudo, considerando que após o Estado Novo (1937 a 1945), verifica-se uma maior atuação das organizações do Movimento Social Negro por meio da imprensa. Estes movimentos propunham ações contra a discriminação, o racismo e no combate dos discursos de inferioridade racial. Neste contexto, surgiram os jornais *O Novo Horizonte* (1946) e *Mundo Novo* (SP) (1950) e a revista *Senzala* (1946), com a finalidade de difundir uma propaganda unificadora da comunidade negra, assim como o sentido de respeito próprio das minorias negras, como está exposto nos enunciados do periódico *O Novo Horizonte*: “o alevantamento moral de elemento negro”(sic).⁷

⁷ TEIXEIRA, Sofia Campos. Minhas Expressões. *O Novo Horizonte*, São Paulo, ano I, n. 3, p. 1, julho 1946.

Entre os jornalistas que atuaram neste órgão, se encontrava Sofia Campos Teixeira, mulher negra, professora, ativista social, candidata a deputada e “colaboradora” de revistas e periódicos da *Imprensa Negra* brasileira. Assinou matérias dos jornais e revistas que circularam nos anos 1940 e, por meio do discurso jornalístico, Teixeira atribuiu para si o papel de representar a população negra, além de assumir também um papel atuante nos espaços sociais e políticos, em favor das minorias negras e pobres, com ênfase na mulher negra.

Podemos destacar que a mulher negra durante muitos anos teve sua fala silenciada, o direito de contar as suas experiências de vida foi ceifado pelo racismo e machismo existente na sociedade. As mulheres negras não podiam ecoar vozes que as representavam, aspectos que podem ser observados nos livros didáticos que apresentam a história contada em uma perspectiva do homem branco.

Com base em uma sociedade eurocêntrica, machista e racista que relegou os negros e as negras papéis sociais subjugados, subalternizados e marginalizados, sendo responsável por manter essas relações de poder até os tempos atuais. Tal atuação fez com que a maior parte da população negra a pobreza não tivesse acesso a uma educação formal. Sendo, portanto, negados a esse grupo social ingresso nos espaços de poder e de produção de conhecimento. A voz de Sofia Campos Teixeira era desafiadora nesse sentido. A mulher negra é duas vezes sujeito da opressão social, pois esta sofre discriminações ligadas diretamente ao gênero e a raça.

Dessa maneira, a participação política da mulher negra, como fez Sofia Campos Teixeira, foi/é de fundamental importância para que mudanças sociais possam surgir como destaca os autores Biroli e Miguel (2015, p.28), “O debate sobre as convergências entre gênero, raça e classe tem como ponto de partida o questionamento da possibilidade de compreender as desigualdades presentes nas sociedades contemporâneas”. Os autores apresentam aspectos que discutem sobre gênero, classe e raça são responsáveis pelo debate sobre as diferenças sociais na atualidade. Tais diferenças colocam a mulher negra à margem da sociedade, para

tanto, a luta feminista negra, como um aspecto interseccional, está ligada à teoria e a prática que permeiam entre raça e o gênero⁸.

Com interesse de compreender a atuação de Sofia Campos Teixeira como jornalista na *Imprensa Negra* brasileira e o uso do meio de comunicação como instrumento de representação, participação política e mobilização social dos negros, elegeu-se a metodologia de Estudo de Caso,

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidências são utilizadas. (YIN, 2001, p. 32, apud DUARTE, 2008, p. 216)

Assim, por meio deste método qualitativo visamos aprender um “porque” e/ou “como” de uma dimensão explicativa para a realidade de vivências de sujeitos negros, aqui compreendida na ação sociopolítica de Sofia Campos Teixeira. Recorrer a documentos históricos como jornais e revistas, dados, aparatos teóricos e o próprio Jornalismo como fonte possibilita uma soma de instrumentos para explicar fenômenos sociais presentes ao longo da história (DUARTE, 2008). Invocando ao Jornalismo, tanto como campo de estudo e ação profissional, compreendemos a análise de seus discursos por meio do cunho jornalístico e contexto histórico e intervenções no processo de produção como aponta a pesquisadora em Nilsângela Cardoso Lima,

Considerando que o discurso jornalístico materializado no jornal é um produto social, entende-se que a matéria jornalística tem que ser vista sob a perspectiva do contexto histórico e das condições de produção na qual foi fabricada, construída, narrada e publica nos jornais.” (LIMA, 2014, p.27)

Assim, visamos como processo de construção deste artigo, analisar o lugar ocupado por Sofia Campos Teixeira na imprensa negra, a qual em um meio de

⁸ De acordo com Sueli Carneiro (2003) o movimento de mulheres no Brasil é referência no mundo, percebido como um dos mais respeitado. Sendo também um dos movimentos com melhor atuação dentre os movimentos sociais do país. Carneiro (2003) destaca também que na década de 1990 emergiu a chamada “terceira onda” do movimento feminista, em meio às mudanças tecnológicas, processo de globalização, o surgimento e força de movimentos sociais, articulava-se um feminismo de intersecção; raça, classe, sexualidade ao qual permitiam que as experiências e as várias identidades de mulheres fossem compartilhadas sobre um ideal *do it yourself* “faça você mesma” e que a partir de suas vivências pudessem invocar e atuar em um feminismo ligado a suas lutas e especificidades.

poder social (imprensa), em sua maioria ocupado por homens, sobretudo homens brancos, tomou um lugar de enunciação e participação política representativa das organizações do Movimento Social dos Negros. Ao longo da análise das matérias da jornalista, iremos destacar sobre os aspectos políticos, sociais e educacionais abordados na escrita da jornalista Sofia Campos Teixeira, como um viés para construção identitária, social e relevância da mulher negra na sociedade brasileira, tendo, a referida jornalista, utilizado deste meio de comunicação como instrumento de representação, participação política e mobilização social dos negros.

Abordamos a Imprensa e o Jornalismo como atuantes na formação de identidades pelo seu caráter social. Compreendendo que as identidades se constroem como fenômenos cambiáveis que entram em discussão cruzada entre elementos fixos e fluidos, e que uma de suas implicações se dá por meio de seu impacto em esferas sociais como a política, atuando como agente de demarcação e reivindicação por lugares na sociedade (WOODWARD, 2014).

Nesta direção, observamos também Sofia Campos Teixeira buscando reconhecimento público, prestígio, status ou capital simbólico frente às lutas pelo poder, quer para a comunidade negra, quer para a sua atuação como política e jornalista negra na luta seus pelos direitos.

Perspectivas sobre Jornalismo, jornalista e Imprensa

O campo do Jornalismo pertencente a área da Comunicação Social e tem como caráter principal a função de comunicar à sociedade, sendo, portanto, a notícia a matéria de atividade e ação central desta área de saber, isso quer dizer, que a notícia é a comunicação direta do Jornalismo. Este produto do fazer jornalístico, trabalha como sua matéria bruta, os fatos, que percorrem por processos jornalísticos, e que buscam evidenciar, apreender, compreender, selecionar, traduzir, e, por fim, chegar a forma de notícia. Para que tais processos se concretizem, desenvolveram-se técnicas, conceitos, teorias e linguagem própria, que foram construídas no transcorrer da estruturação do Jornalismo tanto como campo profissional, de estudos e a instituição social.

O critério *noticiabilidade* é um dos conceitos utilizados no Jornalismo, este se refere à seleção do que vem a ser noticiado, ponderando-se de questões como localização geográfica, proximidade social, atualidade, questões climáticas, interesse do público e *interesse público*. Sendo o último critério aqui exemplificado, como o de maior peso social, pois este critério leva em considerações acontecimentos e decisões que possuem impacto na vida das pessoas na sociedade. Podemos evidenciar esse critério diariamente em periódicos, principalmente por meio de notícias sobre política e economia, as quais interferem no cotidiano da sociedade.

Outro aspecto próprio do Jornalismo que se faz necessário apresentar aqui, é a sua linguagem, a qual deve ser estruturada pela objetividade, imparcialidade, concisão e clareza ao se produzir a notícia. Algo bastante debatido na academia e no meio profissional refere-se à questão da *imparcialidade* no fazer jornalístico, pois, observa-se que as cargas sociais, subjetivas, contextos históricos e culturais, aspectos econômicos e mercadológicos estão presentes nos processos de construção da notícia. Sendo então a *objetividade* o viés de sustentabilidade da notícia o qual busca chegar mais próximo da realidade e pondera as circunstâncias e os sujeitos envolvidos no fato, por meio da objetividade se efetivam discursos jornalísticos que retratem as realidades de fatos.

O jornalista é o profissional responsável pela atuação no Jornalismo e produção de notícias, este profissional além de munido de estudos, técnicas e conceitos do seu campo. Para além da sua formação acadêmica é embalado por sua formação deontológica respeitando leis, códigos socioculturais no meio o qual está inserido, onde se constroem bases do (a) jornalista para seu exercício profissional, sobretudo o senso de responsabilidade para com a sociedade, configurando-se como alicerce para o fazer profissional do jornalista. É válido lembrar que aspectos econômicos e políticos das empresas que o profissional é veiculado pesam em sua produção.

O curso de Jornalismo foi implantado em solo brasileiro em 1943, durante o governo de Getúlio Vargas. Em 17 de outubro de 1969 no Brasil foi concedida a primeira ação jurídica que regulamenta a atividade do jornalista através do decreto

Nº 972 na gestão dos Ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar. Sendo este decreto modificado pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978, a qual foi aplicada mediante a alterações em relação ao exercício da profissão de jornalista.

É válido pontuar que a função de jornalista desenvolvida antes da existência do curso e a regulamentação de sua atividade profissional eram realizada em sua maioria por homens formados em Direito, assim como literatos, comerciantes relevantes e ocupantes de cargos administrativos imbuídos de direcionamentos políticos e inspirações literárias (MARTINS, 2011). Segundo Martins (2011, p. 61), “[...] a presença dos “aprendizes do poder” egressos da Academia de Direito, que se envolveram com a literatura e transferiram para os escritos políticos a estetização da palavra. Periodismo, publicismo, jornalismo, história, conferência, verso e prosa [...]” Atrelado a História da Imprensa no Brasil, apontado perfil primário do jornalista, observando como se deu o desenvolvimento da história sobre uma lógica escravocrata, levantamos que a produção jornalística até meados do século XVII contou com atuação de homens, sobretudo homens brancos que possuíam espaço e praticidade no fazer jornalismo devido a aspectos políticos, econômicos e sociais.

A produção do jornalismo, principalmente no que concerne ao impresso, produzido da década de 1930 até início da década de 1950, transcorria sobre um olhar mais político/partidário e de cunho mais opinativo. A partir de meados dos anos 1950 teve iniciada a busca por um fazer notícia imbuído por conceitos, práticas e técnicas jornalísticas no Brasil que invocaram a objetividade (LIMA, 2014).

A imprensa é o principal meio de divulgação de notícias, assim como o maior campo de atuação de jornalistas, compreendemos que há diferenças entre a imprensa e o jornalismo, compartilhamos da visão da historiadora e cientista em Comunicação (Lima, 2014, p. 22) “embora a historiografia da imprensa brasileira acabe, ao mesmo tempo, por abordar o Jornalismo em terras tropicais, deve-se reconhecer que “imprensa” e “jornalismo” não são sinônimos um do outro”. Aceita-se que o Jornalismo é um conjunto de conhecimentos, técnicas e conceitos guiados por égide deontológica o qual se propõe a captar, selecionar, averiguar informações baseadas em fatos para desenvolver notícias em sua grande parte de interesse

público. Para compreendermos a imprensa em seus contextos distintos, concordamos com a análise da jornalista e estudiosa Ana Regina Rêgo,

A instituição imprensa, denominada, desde 1787, de “o quarto poder”, após superar o período inicial de simples divulgadora de notícias, incorpora-se à vida pública, passando de incipiente imprensa de informação a uma imprensa de opinião, acompanhando os atos do poder público e os seus reflexos na sociedade. (RÊGO, 2007, p. 28 a 29).

Além do lugar social da imprensa, o aspecto financeiro se faz presente para sua estruturação e manutenção, assim apontamos não apenas lugar e importância do Jornalismo e da Imprensa ligados ao senso social, mas pontuamos o seu interesse mercadológico. “A instituição imprensa não pode fugir da necessidade interface com a economia de mercado e concorrência, incluindo, então, as benesses e os malefícios daí advindos” (RÊGO, 2007, p.31) Mesmo com implicações financeiras o teor social que concerne ao Jornalismo e Imprensa como instituição social se faz mais forte, pois através da atuação do jornalista o qual faz uso de seus princípios e práticas através da divulgação e periodicidade da imprensa implica na vida pública, promovendo relações e impactos sociais, intervenções nas identidades dos sujeitos no mundo social. Da mesma forma que tal instituição tem um poder de dar voz à sociedade. Assim, a próxima seção destaca a ação de Sofia Campos Teixeira como jornalista e de como esta atuou na busca por direitos para população negra na década de 1940 ao início de 1950.

Sofia Campos Teixeira na imprensa negra: feminismo negro, ação política e mobilização social e identitária

Sofia Campos Teixeira atuava na esfera pública na busca por participação de negras e negros na sociedade de forma geral, e reivindicava por políticas públicas para esse segmento social, em prol de direitos como: educação de qualidade e igualdade nos espaços de trabalhos e públicos. Sofia Campos ganhou visibilidade escrevendo na *Imprensa Negra*, com alguns dos temas mencionados anteriormente, sua atuação política também foi destaque nesse contexto, como podemos observar a sua trajetória no jornal *Mundo Novo* (SP) durante a década de 1950:

Sofia Campos Teixeira é a candidata que apoiamos, para deputado federal. A única mulher negra que disputa as eleições, sob a legenda de um partido democrático. Militante fundadora desse partido, a professora Sofia Campos Teixeira, que há muitos anos vem, nas atividades social e política, desenvolvendo uma luta em prol dos direitos de sua raça, tão menosprezada. Apesar de sua contribuição decisiva para o progresso do Brasil, Sofia Campos Teixeira tem participado de todos movimentos de emancipação não só dos negros como dos trabalhadores em geral, fazendo parte de várias entidades negras e jamais deixou de evidenciar a situação da mulher trabalhadora concitando a à luta em defesa dos seus mais sagrados direitos. (**Mundo Novo**, São Paulo, ano I, n. 5, p. 5, setembro de 1950).

Ocupando um lugar de enunciação e participação política representativa das organizações do Movimento Social dos Negros, Sofia Campos Teixeira contribuiu para a formação da Esquerda Democrática de São Paulo e ingressava na vida partidária, sendo definida como “mulher negra símbolo para a democracia socialista” (HECKER, 1998, p. 96 apud SOTERO, 2016, p. 18). Sotero (2016) destaca ainda que,

Em termos de discurso, as campanhas dos candidatos negros do PSB também eram direcionadas em primeiro lugar “ao povo de São Paulo”, no caso de Sofia de Campos, o apelo tinha níveis de especificidade, primeiro ao povo, depois aos negros de São Paulo e por último à mulher negra, como aparece no texto publicado em 23 de setembro de 1950. A imprensa negra foi novamente utilizada como veículo de divulgação do conteúdo da campanha eleitoral dos candidatos negros do PSB, dessa vez no jornal *Mundo Novo*, dirigido por Armando de Castro. (SOTERO, 2016, p.20)

De acordo com a autora a *Imprensa Negra*, mais precisamente o jornal *Mundo Novo* (SP) serviu de porta-voz para as candidaturas de negros e negras no estado de São Paulo vinculados ao PSB, que tinha como única candidata a um cargo Federal a professora e jornalista Sofia Campos Teixeira.

Sendo conquistado o direito ao voto feminino no Brasil em 1932, treze anos depois Teixeira lança candidatura, em 1947, pela coligação Esquerda Democrática ao cargo de deputada estadual de São Paulo, e em 1950 se tornou a única mulher negra a disputar as eleições para Câmara Federal pelo estado de São Paulo. Podemos perceber a forma excepcional como a jornalista começa a atuar nestes espaços de poder, os quais eram ocupados por homens em sua maioria homens brancos.

Observando a atuação de Sofia Campos nestes espaços, por meio necessidades da comunidade negra, sobretudo a representação da voz da mulher negra podemos compreender o que Sueli Carneiro (2003) conceitua como *Enegrecimento do feminismo*, onde a filósofa contemporânea reflete que a trajetória de mulheres negras no movimento feminista demarca a compreensão que as vivências, lutas, demandas sociais as quais estas mulheres estão condicionadas, assim intersecções de gênero, étnico-racial, culturais e econômicas estão ligadas a maneira de reivindicações políticas e busca por representação em sociedade.

Para a filósofa brasileira, “Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos.” (CARNEIRO, 2003, p. 119) Podemos perceber Sofia Campos Teixeira como um sujeito político presente na *Imprensa Negra* brasileira, por meio das suas matérias, como a que foi publicada e assinada pela ativista e jornalista em julho de 1946 em *O Novo Horizonte*, com título “Minhas Expressões”. Neste artigo, Sofia discorre que, “Noutros tempos os povos regozijavam das suas vitórias, através dos fumos dos canhões: hoje as suas conquistas são adquiridas por meio de jornais, revistas, enfim, a imprensa”. (O Novo Horizonte, São Paulo, ano I, n. 3, p. 1, julho 1946) Através da sua escrita podemos perceber que a imprensa é vista como um espaço social de lutas e poder onde relações sociais, culturais e econômicas são postas por meio das letras impressas. Ao mesmo tempo observamos também a consciência que a jornalista possui em relação ao lugar que ocupa.

Podemos evidenciar na continuação do texto o caráter de atuação de Sofia Campos como jornalista, no que diz respeito à coletividade, registrando o que em sua visão é de interesse público, e, assim, sendo portadora da voz aos sujeitos negros.

Sobre a questão educacional, Sofia Campos tinha uma posição bastante firme, como podemos ver no trecho a seguir:

Ora, o tesouro educacional no meio negro ainda é muito pobre. É preciso, por isso aumentá-lo, principalmente pelos conhecimentos mais complexos com a imprescindível nitidez de uma culturação à altura da classe. Sempre se conclamou com sobeja razão a necessidade inadiável de um meio de elemento negro. Mas, hoje em dia não só os negros, mas sim todos os pobres, quer negros e brancos sofrem uma depressão social, moral e

econômica, pois centenas destes miseráveis são conduzidos à máxima miséria, ao cárcere, milhares de mulheres atiradas ao lado da vida, crianças abandonadas, tudo por falta de educação contiguidade social. (TEIXEIRA, Sofia Campos. Minhas Expressões (**O Novo Horizonte**, São Paulo, ano I, n. 3, p. 1, julho 1946).

Por meio do *senso de responsabilidade social*, a jornalista apresenta uma visão do que seria a realidade da sociedade brasileira daquela época, na qual se evidenciava o descaso do poder político no que concerne políticas públicas e investimentos financeiros direcionados à educação. Sofia Campos Texeira através de sua voz na imprensa apresentava não apenas a difícil situação de negras e negros, mas sim da totalidade da população brasileira empobrecida que estava à mercê do poder público, chegando a apontar a situação como uma “depressão social”. Percebemos o seu olhar de maneira mais direcionada às mulheres e crianças como os sujeitos mais afetados pelo abandono do Estado.

No que tange às questões de gênero, podemos destacar um fragmento onde a jornalista faz um apelo aos homens para que estes sejam mais empáticos com as mulheres:

Entretanto, é preciso que os homens sejam menos egoístas para que as mulheres, uma vez que já têm dado sobejas provas de cooperação também lhes caiba o direito da sua liberdade como humanas que são, pois atualmente devido as sérias responsabilidades que lhes são atribuídas não lhes será possível subsistir aos moldes antigos, e sim à uma nova estruturação. (Revista **Senzala**, São Paulo, ano 1, n. 1, p.21, janeiro de 1946)

Podemos observar também no artigo “Algo Feminino” da Revista *Senzala* na década de 1940, a posição da jornalista em prol das mulheres. Nesta matéria, Campos aponta para o caráter humano das mulheres, e de como elas, assim como os homens, têm direitos e responsabilidades, sobretudo o direito à liberdade.

Consta-se pelas edições do jornal *O Novo Horizonte* disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional⁹, que Sofia Campos Teixeira foi à primeira mulher a escrever para o periódico. Ao discorrer sobre suas lutas e posições políticas, outras “colaboradoras”, como Heleninha uniram-se às páginas do *O Novo Horizonte*.

9

BIBLIOTECA DIGITAL BRASIL. Jornal O Novo Horizonte: órgão de propaganda unificadora (SP) – 1946 a 1961. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845108&pesq=> > Acesso em: 09 maio de 2018.

Contudo, evidencia-se que Sofia Campos foi a única colaboradora a participar de maneira periódica e ter espaço no jornal para noticiar assuntos sobre educação e política.

Não se tem muitas informações sobre Heleninha, porém aqui constatamos que aquela jornalista assinava com certa frequência nos anos de 1950 o caderno intitulado como “Sociais”, que posteriormente chamou-se “O Encontro das Seis e Meia”. Essas colunas enquadravam-se como matérias “compreendidas para mulheres”, onde se abordava a vida social, eventos, momentos culturais, festas e resultados de concursos. A “colaboradora” enunciava sobre tais notícias como também produzia um texto principal que mesclava o “social” ao opinativo, e desse lugar de fala tratava de assuntos em torno da identidade e moral da população negra.

Outras mulheres estavam presentes no jornal *O Novo Horizonte* durante o período de 1940 a 1950, Ruth Guimarães, Sofia de Campos, Duia e Ione Amaral. Contudo, estas jornalistas, em boa parte de suas matérias, discorrem sobre maternidade, beleza, roupas e afazeres domésticos, tais assuntos para o contexto da época eram compreendidos como “universo feminino” no qual transitava a maioria das mulheres. A partir de tais dados podemos apreender atuação de Sofia Campos Teixeira com transgressora no que diz respeito a sua identidade, pois em um mundo que condicionava e configurava a identidade feminina, essa jornalista discutia e mobilizava assuntos que não eram enquadrados como esfera da mulher, evidenciando-se que a jornalista aponta para outras posições de poder/política da mulher negra.

E quando abordava tais assuntos vistos como femininos, Sofia Campos Teixeira propõe um repensar sobre a figura tradicionais, como a personagem da “Mãe Preta”. No dia 28 de setembro, data alusiva a este personagem da negritude brasileira, a jornalista elaborou uma crítica social sobre o corpo e condicionamentos da mulher preta na sociedade, como vemos abaixo:

Lembramo-nos também a maternidade na sua obrigatoriedade. Privando posteriormente seus filhos do carinho maternal. Lembramo-nos as belezas das mulheres negras, da sua robustez invejável, mas que nada lhes era permitido considerar, pois tudo pertencia à sociedade econômica e financeira do país. Tudo era para negócio ou propriedade do Sr. Do

engenho. TEIXEIRA, Sofia Campos. 28 de Setembro (**O Novo Horizonte**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 2, agosto 1947).

Sobre a mulher preta, Teixeira destaca o condicionamento da maternidade, “pela própria apresentação das virtudes maternais das escravas”, percebemos reflexos de mulheres negras, “escravas”, como resquícios vivos na forma da sociedade ver a mulher preta, questões identitárias se fazem notórias nas críticas tecidas pela ativista. São enunciados também os sentimentos negados, como o direito à maternidade e ao amor de seus filhos, elementos que a jornalista enuncia em seus parágrafos como invocação de uma memória coletiva presente na vivência da população negra, sobretudo nos corpos e identidades de mulheres negras, e sobre tal levantamos como um elemento fixo de formação de identidade deixa claro que é preciso lembrar que a história negra, é a história da escravização do povo preto no Brasil. A lendária figura da “Mãe Preta” faz parte da história do povo preto brasileiro, tal elemento histórico traduz no que a teórica Kathryn Woodward (2014), aponta como aspecto fixo na construção de uma identidade, onde observamos na narrativa da jornalista sobre esse personagem como um ponto comum da história do grupo social de negros brasileiros e da maneira como sentimentos compartilhados apontam, principalmente, para aspectos da representação da identidade da mulher negra. É ainda possível perceber a visão do *Enegrecimento do feminismo* ao criticar a forma com que os corpos de mulheres pretas eram objetificados para beneficiar a sociedade, servindo para o fomento econômico do Brasil, sendo estes corpos utilizados como máquina de produzir mão-de-obra (escravos negros) e máquina de prazer sexual. Estas críticas tecidas pela jornalista desaguam na figura do Senhor de Engenho, homem branco e proprietário dos corpos negros. A jornalista traz uma memória viva de elementos sócio-históricos remanescentes da escravidão, que resistem nas desigualdades e descasos vivenciados pelo povo negro sobretudo pela mulher negra. Sofia Campos Teixeira finaliza sua matéria realizando um discurso de mobilização social para a quebra de paradigmas da figura objetificada da “escrava”, buscando igualdade aos negros e negras, assim como a necessidade de mulheres pretas como atuantes na sociedade:

A consequência desastrosa desta desintegração social, políticas. Econômica e financeira do país, embora estejamos num regime democrático é da direção de aventureiros que só favorecem meia dúzia de indivíduos, enquanto milhares de outros permanecem no mais completo abandono. E se a máquina estruturadora do movimento de favor do ser humano, estiver funcionando sob a concepção de justiça e liberdade, brevemente haverá grandes tarefas e pesados encargos para nós mulheres de hoje, homenageando a Mãe Preta de ontem e preparando um magnífico porvir para seus filhos. (**O Novo Horizonte**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 2, agosto 1947).

O discurso empregado pela jornalista emite um sentido de mobilização social e política para as mulheres negras, na qual o preparar ou aguardar a maternidade vai além de gerar filhos, mas sim um futuro uma sociedade melhor. Assim, é nítido o quanto Sofia Campos compreende e anseia pela posição da mulher na sociedade, com ênfase na política. A par deste discurso podemos trazer esse chamado social e político como uma luta. Bourdieu (1998, p. 150), reflete que, “todo o campo é lugar de uma luta mais ou menos declarada pela definição dos princípios legítimos de divisão do campo”. Podemos realizar um diálogo entre o discurso de Sofia Campos e pensamento construtivista do teórico francês, com a concepção do capital simbólico presente em sociedade e nas instituições sociais e os agentes que transitam nestes espaços de poder e legitimação, uma vez que se evidencia o posicionamento de não aceitação do condicionamento e espaços sociais em que mulher negra foi posta, Sofia Campos Teixeira tendo espaço na Imprensa, um lugar de voz e poder, realiza tais abordagens levantando em consideração a divisão que persiste em uma sociedade patriarcal e recém liberta da escravidão. Nesse lugar, ela ocupou um espaço sociopolítico, buscando legitimação para as mulheres negras em sua época. Tal legitimação encabeçava uma luta que visa mais espaços para a mulher negra como também se configurou como um elemento fluido na formação da identidade da negra brasileira. “A identidade contingente coloca problemas para os movimentos sociais em termos de projetos políticos, especialmente para afirmar a solidariedade daqueles que pertencem àquele movimento específico” (WOODWARD, 2014, p.39). Por meio do seu fazer jornalístico, Sofia Campos apontou questões em torno das vivências de mulheres negras da mesma forma que gerou o capital social e identitário de luta, usando assim da Imprensa e do jornalismo como um espaço de intervenção política, sua ação de solidariedade para com as

mulheres negras, também com as mulheres de uma forma geral, uma vez que ela era a única mulher negra nos periódicos aqui analisados no período nos anos de 1940 a discorrer sobre política e educação. Assim, pode-se ser visto a busca da mulher negra na esfera pública encarnada no contexto de (1940 - 1950) na ativista Sofia Campos, sobre a concepção de Sueli Carneiro (2003), reflete que por meio das vivências plurais das mulheres desenham-se pensamentos e ações sobre a sociedade através das particularidades das lutas de mulheres e análogo a isto, a consciência de que a identidade de gênero não abarca naturalmente em solidariedade racial, conduziu as mulheres negras ao intragênero. Nessa direção, apontamos que as condições e as desigualdades no contexto de Sofia Campos transitavam para além da luta de classes; entre homens e mulheres no meio social (Política e Jornalismo), mas condicionamentos sociais do racismo (intragênero) ligado a resquícios de um passado escravista remanescente em uma sociedade que estava em processo de reconhecimento do negro (a) como agente social, assim a intervenção de uma mulher negra jornalista se traduz em ação de criar e marcar o lugar da mulher negra como ser político e social na vida do país.

Sofia Campos Teixeira, atuando ativamente na política, assim como se tornou conhecedora da lógica política, pôde ser durante os anos de 1940 a 1950 a única mulher nos periódicos aqui analisados a realizar a cobertura de um evento político e a noticiar política. Como podemos evidenciar em sua matéria, que traz o personagem, do Senador Hamilton Nogueira, “Sob o patrocínio da Liga Internacional Católica realizou-se dia 25 p.p., no auditório da Biblioteca Municipal uma conferência proferida pelo Senador Hamilton Nogueira, sobre o tema: “Democracia” (O Novo Horizonte, São Paulo, ano I, n. 5, p. 2, setembro 1946). Faz-se necessário, em um primeiro momento, evidenciar a construção da linguagem presente na matéria da jornalista, logo no primeiro parágrafo constrói-se um tipo de *Lead*, linguagem própria do Jornalismo, tal elemento é realizado para levar as informações básicas do que se é tratado na notícia; o que/quem? Como? Quando? Onde? Por quê? Para além da linguagem empregada, os critérios de *noticiabilidade* e *senso de responsabilidade social* também se faz presente na matéria da jornalista, pois ela pauta sobre a conferência realizada pelo Senador Hamilton Nogueira, o qual fazia parte da União

Democrática Nacional (UDN), partido que fazia oposição ao governo Getúlio Vargas. O interesse em informar aos leitores sobre a fala do Senador Nogueira se deu fala daquele político suscitar discussões sobre a discriminação racial e igualdade para a população brasileira sem distinção de cor. “[...] o Senador Hamilton Nogueira condena o racismo que ainda subsiste no país; salientou o caso de ingresso de negros na carreira Diplomática, no oficialato e outros lugares que ao negro é vedado a entrada somente pela sua coloração.” (O Novo Horizonte, São Paulo, ano I, n. 5, p. 2, setembro 1946) Contudo, válido apontar que a UDN possuía um posicionamento de orientação conservadora, na mesma matéria a jornalista transcorrer sobre o posicionamento de o senador ser “triste” por trazer palavras de igualdade e votar a favor de medidas que pudessem “subverter” discussões sobre a luta por igualdade racial, como podemos evidência no último parágrafo de sua matéria:

Agora, existe o artigo. 141, § 5º, que no final diz: “É livre manifestação do pensamento sem que dependa da censura, salvo quanto a espetáculos de diversões públicas, respondendo a cada um nos casos e pela forma que a lei preceituar pelos abusos que o cometer. Não é permitido o anonimato. É assegurado o direito de resposta. A publicação de livros e periódicos não dependerá de licença do Poder Público. Não será tolerada porém, propaganda de guerra ou de processos violentos para subverter a ordem política e social ou de idéias que visem estabelecer dissensões por motivos de raça ou classe”. Como vemos, estas linhas acima transcritas de um matutino paulista do dia 26 p.p., pouco ou quase nada nos favorecem diante da evolução social que se processa em nossos dias (*sic*). TEIXEIRA, Sofia Campos. Muito pouco para nós. (O Novo Horizonte, São Paulo, ano I, n. 5, p. 2, setembro 1946)

Sofia Campos, em sua posição como jornalista dentro da *Imprensa Negra*, imbuída de responsabilidade social, articula um discurso com objetividade, porém realiza uma crítica ao posicionamento contraditório entre o discurso e ação do senador Hamilton Nogueira que se coloca à frente de discussões sobre igualdade racial no Brasil, mas que na prática apoia a ala conservadora do seu partido.

Levantamos por meio do discurso da jornalista a compreensão da política e identidade como pontes de *Manifestação* intervencionista na vida em sociedade.

O facto de estar em jogo, nas lutas pela identidade – esse ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros –, a imposição de percepções e de categorias de percepção explica o lugar determinante que, como a estratégica do *Manifesto* nos movimentos artísticos, a dialéctica da manifestação detém em todos os movimentos

regionalistas ou nacionais: o poder quase mágico das palavras resulta do efeito que têm a objectivação e a oficialização de facto que a nomeação pública realiza à vista de todos, [...] (BOURDIEU, 1998, p. 117)

Em diálogo com o teórico francês, mais com especificidade no campo da política como agente identitário Week (1994, p.12) aborda que, “[...] é uma luta em favor da própria expressão da identidade, na qual permanecem abertas as possibilidades para valores políticos que podem validar tanto a diversidade quanto a solidariedade” apud Woodward (2014, p.38). Ambas as posições dos autores apontam para o processo de construção da identidade, e onde observamos a força do discurso jornalístico de Sofia Campos. Os seus textos refletem uma necessidade de liberdade e poder para relatar as realidades enfrentadas pelas negritudes brasileira, contudo ela aponta a atuação do poder político como interventor neste processo, e como tais decisões da esfera política interferiam mais diretamente na vida da população negra, de certo modo impendido que os sujeitos falassem ou e discutissem o seu lugar na sociedade. Tais aspectos políticos sobre a ótica de Woodward (2014) são percebidos como agentes de construção identitárias *não essenciais*, pois intervém diretamente no coletivo e compartilhado de grupo social como no caso de Sofia Campos e da política brasileira, agiam mais diretamente sobre a população negra. Sofia Campos se torna para a comunidade negra um agente de construção de identidade uma vez que ela ocupa de posições sociais, em lugares de poder, como na imprensa e na política, e assumindo os atos de tornar-se pública e mover-se sobre classes estabelecidas são vistos, segundo Bourdieu (1998), como elemento importante de construção de um *capital simbólico*.

Considerações finais

A par da análise exposta pontuamos a participação de Sofia Campos Teixeira na *Imprensa Negra* brasileira e na política partidária no estado de São Paulo, como uma agente de mobilização social, em meio ao contexto pós Ditadura Vargas. Destacamos suas ações, quer sejam na política, quer sejam na *Imprensa Negra* como uma demanda por reconhecimento que a comunidade negra possuía naquela época, este grupo social desejava obter uma representação social como cidadãos. A

partir deste viés, observamos o engajamento político da ativista por meio de candidaturas vinculadas a PSB e o uso dos jornais *Mundo Novo* (SP) e *Novo Horizonte*, além da revista *Senzala*, publicados entre o período de 1940 a 1950 como espaço de legitimação para a população negra.

Sofia Campos, mesmo se almejasse *status* por atuação como jornalista, o contexto da sua época a colocava como “colaboradora”, sendo ela merecedora do *status* de jornalista legitimada por sua atuação na *Imprensa Negra*, uma vez que por meios de discursos materializados em periódicos mesmo que críticos estavam imbuídos de práticas jornalísticas e elementos como senso de responsabilidade social e interesse público como percebemos ao longo da análise.

Para além da sua forte ação em prol das mulheres negras e representação destas vozes, Sofia Campos deixou um legado de luta e intervenção social, capital simbólico, não apenas para as mulheres mas para o povo negro no que perpassa a busca por ocupar espaços de poder e valorização de aspectos identitários negros.

Referências

BIBLIOTECA DIGITAL BRASIL. **Jornal O Novo Horizonte: órgão de propaganda unificadora (SP) – 1946 a 1961.** Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845108&pesq=> > Acesso em: 09 maio de 2018.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASIL. **Mundo Novo (SP).** Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845116&pesq=> > Acesso em: 09 maio de 2018.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASIL. **Revista Senzala** Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq=> > Acesso em: 09 maio de 2018.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades.** Mediações. Londrina, v. 20 n. 2, p. 27-55, jul./dez. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento.** Estudos Avançados, v. 17, n. 49. – São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2003.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. **Estudo de caso. Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação.** Jorge Duarte e Antonio Barros, (Organizadores). 2. ed. – 2. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Nilsângela. **Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951 a 1954).** São Leopoldo (RS), 2014.

MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil.** 2. ed. São Paulo, Editora Contexto, 2011.

PINTO, Ana Flávia. **Imprensa Negra no Brasil do século XIX.** Coleção Consciência em debate, Selo Negro Edições. São Paulo, 2010.

RÊGO, Ana Regina. **Jornalismo, Cultura e Poder.** Teresina: EDUFPI, 2007.

15 a 17 de maio, 2019



SOTERO, Edilza Correia. **Negros candidatos e candidatos negros: partidos políticos e campanhas eleitorais na cidade de São Paulo após o fim do Estado Novo.** In: Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.23.1, 2016, p. 9-35.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.